

O mar como um *Outro Espaço* nas fraseologias portuguesa e croata The sea as *Another Space* in Portuguese and Croatian phraseologies

NINA LANOVIĆ¹

Resumo: Partindo de um estudo mais abrangente dedicado à representação do conceito de MAR nas fraseologias portuguesa e croata, neste trabalho, concentramo-nos no aspeto que aponta à conceptualização do MAR como um *Outro Espaço* (de alteridade, de «não-eu»). A análise da estrutura semântico-conceptual das unidades fraseológicas (expressões idiomáticas e parémias com sentido figurado) com constituintes da esfera semântica de *mar* revelou que a motivação do significado idiomático de um subgrupo delas assenta numa experiência «cultural» ou «secundária» (e não físico-percetiva) do espaço, o que implica uma influência considerável das «teorias populares», em princípio, subjetivas. Neste caso, o MAR, ao nível conceptual, representa um espaço que, em relação ao sujeito, é «exterior», alheio, inatural, inadequado, em que «não existe». Propomos-nos a identificar as estruturas metafóricas mais relevantes para essa conceptualização, assim como os mapeamentos específicos que motivam o significado das unidades do nosso *corpus*.

Palavras-Chaves: Fraseologia portuguesa; fraseologia croata; conceito de MAR; *Outro Espaço*.

Abstract: Based on a more comprehensive study dedicated to presenting the concept of the SEA in Portuguese and Croatian phraseology, in this work we focus on the aspect pointing to the conceptualization of the SEA as *Other Space* (otherness, «non-self»). The analysis of the semantic-conceptual structure of phraseological units (idioms and proverbs with figurative meaning) with constituents from the *sea* semantic sphere revealed that the motivation of the subgroup's idiomatic meaning is based on some kind of «cultural» or «secondary» experience (and not physical-perceptive) of space, implying a considerable influence of «folk theories», which in principle are subjective. In this case the SEA, at the conceptual level, represents a space that, in relation to the subject, is «exterior», alien, unnatural, inadequate, where the subject «does not exist». We propose to identify the most relevant metaphorical structures for such conceptualisation, as well as the specific mappings that motivate meanings of units in our corpus.

Keywords: Portuguese phraseology; Croatian phraseology; concept of the SEA; *Other Space*.

¹ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Zagreb.

1. Introdução

O presente trabalho faz parte de um estudo linguístico mais abrangente (Lanović, 2012) que tem por objeto um subsistema das fraseologias portuguesa e croata – as unidades fraseológicas (UFs) (expressões idiomáticas e parémiat com sentido figurado) relacionadas com o conceito de MAR², baseando-se a suposta relação no critério de constituintes lexicais da esfera semântica de *mar*³. As UFs extraídas de uma «coleção de textos», que compreende a combinação de três tipos de fontes⁴ – o *Corpus de referência do português contemporâneo* (CRPC), várias coletâneas de «sabedoria popular» e um inventário de UFs registadas nos dicionários fraseológicos e paremiológicos –, são submetidas à análise semântico-conceptual com dois objetivos básicos: estabelecer a

==

² As maiúsculas serão usadas nos casos em que nos referimos ao conceito ou ao domínio conceptual; quando nos referimos ao lexema (constituente lexical), usaremos o itálico: *mar*. Trataremos da mesma maneira todos os lexemas/conceitos referidos no texto.

³ O termo *esfera semântica* é usado aqui no sentido em que o usa Gaetano Berruto (1988), como «l'insieme dei termini che si riferiscono ad uno stesso "concetto", od "esperienza", od argomento, o settore di attività, e che sono tra di loro in qualche modo imparentati attraverso legami di vario genere» (p. 73). Para fins deste estudo, abrange tanto parentes lexicais (*maré, marear, marinheiro*, etc.), como referenciais (ex.: *barco, bonança, costa, embarcar, ilha, navegação, onda, porto*, etc.) do lexema *mar*.

⁴ Por motivo de frequência muito baixa de expressões idiomáticas e, sobretudo, parémiat em qualquer tipo de *corpora*, independentemente do género ou tipo discursivo, motivo, aliás, apresentado por muitos estudiosos, em particular no âmbito da própria linguística de *corpus* (ex.: Cowie, 1998; Moon, 1998a, 1998b; Howarth, 1998; Altenberg, 1998; McEnery e Wilson, 2001).

motivação do significado idiomático relativamente ao literal e verificar, a partir daí, se existem entre as UFs do subsistema em questão relações sistemáticas, visando deslindar os princípios em que se fundamentam.

Considerando a perspetiva interdisciplinar como a única abordagem apropriada a uma área de estudo tão complexa e heterogénea como é a fraseologia, incluindo os fenómenos linguísticos (ainda não devidamente explorados) de idiomatidade e de linguagem figurada, valemo-nos, para esse fim, de uma combinação de modelos teórico-metodológicos complementares no âmbito da fraseologia e da semântica lexical contemporâneas. Dedicámo-nos exclusivamente à dimensão semântica – ou, mais exatamente, semântico-pragmático-conceptual – das UFs analisadas, tendo, nesse sentido, definido a própria metodologia de análise, fortemente influenciada pelos conhecimentos desenvolvidos no seio das perspetivas «construtivistas», a semântica cognitiva e a psicolinguística, o que se deve principalmente à relevância da metáfora (conceptual) nesses paradigmas⁵.

A análise da relação entre os significados literal e idiomático das UFs revela que estas, na sua grande maioria, devem a sua motivação

==

⁵ Como referências principais, destacamos vários estudos de G. Lakoff, M. Johnson, M. Turner, R. W. Gibbs, Z. Kövecses, C. Fernando, S. Glucksberg, C. Cacciari, D. Dobrovolskij, A. Soares da Silva, H. Jakubowicz Batoréo, F. Casadei, entre muitos outros.

aos mecanismos conceptuais de índole metafórica ou metonímica, que na mente dos falantes ligam o MAR, como domínio fonte, a domínios destino mais abstratos, de um modo relativamente regular. Na maioria dos casos, o mar é conceptualizado como um tipo de *espaço* experiencialmente perceptível que, no nível do domínio destino, se refere a um espaço conceptual abstrato, análogo ao físico. Tal princípio de conceptualização é designado, para fins da nossa investigação, por *Modelo espacial de MAR*. Neste trabalho, concentramo-nos nos resultados da análise de um subgrupo de UFs cuja motivação se fundamenta numa experiência «cultural» ou «secundária» (e não físico-perceptiva) do espaço, o que, neste caso, compreende uma influência considerável das «teorias populares», em princípio subjetivas.

2. O Modelo espacial de MAR

A experiência de *espaço* é uma das experiências mais básicas do homem; pode-se afirmar que o ser humano não é capaz de conceber um «nada» no sentido de «ausência de espaço», isto é, a própria existência é concebida como existência num espaço. O assunto do espaço, da organização espacial e do seu papel na atividade cognitiva humana tem ocupado, desde a Antiguidade, um lugar de relevo na filosofia (particularmente a reflexão sobre a relação do conceito de espaço com o de tempo) e, a partir da segunda metade do século XX, na antropologia, mas também na linguística.

Depois de Edward T. Hall (1971) ter postulado a «antropologia do espaço», seguem-no muitos estudos sobre a temática do espaço; um dos assuntos mais estudados é a problemática da orientação espacial. Batoréo (2000), no seu valioso estudo psicolinguístico sobre a «expressão espacial» e a «expressão do espaço» na língua portuguesa, refere que nas sociedades humanas, além dos pontos cardeais, servem de marco decisivo para a orientação os elementos como os rios, as serras ou as zonas marginais, como é a beira-mar (pp. 50-52). Salienta também a relevância, em muitas culturas, da «posição central» do *aqui* e do *eu*. O conceito de *espaço simbólico* nas culturas e tradições antigas opera em função de vetores do tipo «em cima-em baixo», «frente-trás» ou «direita-esquerda», incluindo uma oposição dos conceitos de «interior-exterior» (pp. 25-26)⁶. Todas essas «intervenções» antropológicas se mostram relevantes para a nossa investigação; além disso, até demonstram, num pequeno segmento, como a expressão linguística dos conceitos espaciais ainda manifesta, em parte, aquela visão primordial do mundo a partir da qual cresceram as culturas que conhecemos.

Na linguística cognitiva, a questão de espaço tem, desde o início, ocupado uma posição privilegiada, principalmente graças a Jeffrey

⁶ A semântica cognitiva interpreta esses vetores como esquemas imagéticos que estruturam as experiências básicas humanas.

Gruber e Leonard Talmy. Na área da semântica lexical, os cognitivistas analisam e interpretam muitos domínios abstratos por meio da metáforização do espaço; na Teoria da Metáfora (Lakoff e Johnson, 1980), as metáforas espaciais são vistas como as mais frequentes, tal como as mais coerentes. Lakoff (1987) e Taylor (1989) definem uma dezena de esquemas imagéticos que estruturam metaforicamente a experiência humana e quase todos têm propriedades espaciais – mais exatamente, originam-se na experiência do corpo humano no espaço. Em todo o caso, eles incluem uma certa lógica interior que torna possível um *raciocínio espacial*; essa «lógica espacial» dos esquemas imagéticos mantém-se nos mapeamentos metafóricos, tornando-se *numa lógica abstrata nos domínios destino não-espaciais* (Lakoff e Turner, 1989).

Mas o que é para nós, concretamente, o Modelo espacial de MAR e como é que nos pode servir na interpretação do significado das UFs? A própria análise da motivação do significado das expressões com o constituinte *mar* (e outros da mesma esfera semântica) revelou que, na maioria dos casos, o fator crucial é efetivamente uma *conceptualização espacial* do mar. O mar representa um espaço físico, concreto, que é uma parte saliente da experiência – tanto físico-percetiva, como cultural – dos povos português e croata. Por meio dessa experiência, concebem-se, em princípio, metaforicamente, muitos conceitos abstratos; em princípio, temos acesso a esses processos

através de um grande número de expressões convencionais linguísticas nas quais se encontram «materializados». Quer dizer, a «lógica espacial» transporta-se para os domínios destino das metáforas, para os quais remete o significado idiomático das UFs analisadas. Na maioria dos casos, não se trata de metáforas isoladas, mas de sistemas coerentes metafóricos mais ou menos complexos.

O ESPAÇO representa, portanto, um domínio fonte extremamente produtivo de metáforas conceptuais em geral, e, no nosso caso, o ESPAÇO é MAR⁷. Ao nível do domínio destino, refere-se a um *espaço conceptual abstrato*, análogo ao físico. Tal «espaço» pode, muito geralmente, ser definido como uma (ESFERA DE) AÇÃO⁸ e, num modelo espacial, a AÇÃO, em princípio, é conceptualizada como MOVIMENTO.

3. O mar como um *Outro Espaço*

No âmbito do Modelo espacial de MAR, identificámos dois tipos básicos de motivação relativamente à base experiencial: um baseado na experiência físico-percetiva («objetiva») do espaço, em que predomina marcadamente a

==

⁷ O paradigma antropológico na fraseologia salienta que o fator cultural determina que tipo específico de espaço vai ser conferido ao estatuto de domínio fonte, ou seja, «ativado» nas expressões linguísticas convencionais. Na fraseologia portuguesa, o MAR parece manifestar-se como conceito prototípico de ESPAÇO (questão de preferência conceptual).

⁸ Numa investigação dedicada ao contexto idiomático das UFs, sem tomar em consideração os contextos discursivo ou de comunicação, não é possível especificar ou definir concretamente os domínios destino.

estrutura designada Metáfora de viagem marítima⁹, e outro baseado predominantemente numa experiência «cultural»¹⁰ ou «secundária/indireta» do espaço (a espacialidade já não é tão explícita), em que nos concentramos neste trabalho. No primeiro caso, o mar é conceptualizado como um espaço em que o sujeito *existe*, em que *se move* – o sujeito navega nesse espaço percorrendo-o de um ponto de partida até ao de destino, nele enfrenta as forças naturais (movimentação do mar, ventos...), move-se em sentido vertical com as marés, etc. Noutro caso, por sua vez, o MAR é concebido como um *Outro Espaço*¹¹ – de alteridade¹², de «não-eu» – que, em relação ao sujeito, é «exterior», alheio, inatural, inad-

==

⁹ Correspondente, em muitos elementos, com o modelo metafórico espacial complexo postulado por Lakoff (1993), *Event Structure Metaphor*. A Metáfora de viagem marítima elabora-se pormenorizadamente em Lanović (2012) e em Lanović e Varga (2015).

¹⁰ É de notar que, para fins deste estudo, a «cultura» é compreendida como a totalidade dos «conhecimentos do mundo», ou seja, da visão do mundo dos membros de uma comunidade linguística, que inclui as atitudes convencionais e a relação para com os valores sociais, éticos, políticos e outros, que fazem parte da experiência quer física quer espiritual dessa comunidade (cf. Teliya *et al.*, 1998: 57).

¹¹ Teliya *et al.* (1998), referindo-se aos «padrões culturais» que se manifestam na língua, notam que muitas UFs funcionam como «quasi-standards of the Other Space» (p. 72): «Natural phenomena in figuratively transposed collocations occur as a second-order reality, as a linguistic-cultural construct from which lexical collocations acquire their cultural markedness» (p. 71).

¹² O conceito complexo de *alteridade* é partilhado e elaborado por várias disciplinas científicas – Antropologia, Psicanálise, Sociologia, Teoria Política, Teoria Literária e outras; como este estudo não pretende sair do âmbito da Linguística, limitámo-nos à descrição das suas manifestações concretas nas expressões linguísticas que analisamos.

quado, em última instância – aquele em que *não existe*.

Neste segmento, a base de conceptualização é, em princípio, o esquema imagético de CONTENTOR¹³, um espaço limitado que funciona basicamente em termos de distinção entre *dentro* e *fora*, no qual o sujeito pode entrar, mas o próprio ato de entrar é, neste caso, concebido como confrontação com um perigo, uma ameaça perante a qual o sujeito sente impotência (zona de perigo).

Com base na análise da motivação do significado idiomático das UFs do *corpus*, deduzimos duas estruturas metafóricas coerentes – elaboradas em mapeamentos específicos – relevantes para a conceptualização do MAR como um *Outro Espaço*:

AVENTURA / RISCO / INCERTEZA / PERIGO é MAR
O princípio de POSTO CANÓNICO (ESTAR «INSTÁVEL» / IRRACIONAL é ESTAR NO MAR)

Antes de apresentarmos e argumentarmos as duas estruturas, ilustrando-as com os exemplos das UFs do *corpus*, propomos-nos ainda a realçar os fatores mais relevantes para a conceptualização do MAR como um *Outro Espaço*.

==

¹³ Adotamos de Lakoff (1987) o conceito de CONTENTOR enquanto um dos esquemas imagéticos já mencionados: «a schema consisting of a *boundary* distinguishing an *interior* from an *exterior*. The CONTAINER schema defines the most basic distinction between IN and OUT» (pp. 271-272). As metáforas de contentor são já referidas por Lakoff e Johnson (1980).

É claro que o que lhe está «na raiz» é a própria experiência direta, físico-percetiva da vida à beira-mar. A «partida ao mar» – ligada principalmente às atividades (tradicionais portuguesas e croatas) de marinha, navegação ou pesca – tem na percepção convencional certas implicações¹⁴: estar ausente, estar invisível (fora do campo visual), estar longe, estar inacessível (inalcançável). O facto de o mar ser *inconcebível* para o ser humano, que nele subentende um certo medo primordial do desconhecido («o mar tenebroso»), transforma, de certo modo, já ao nível da experiência direta, o espaço físico no abstrato.

Entretanto, como já sublinhámos, o que ganha relevo no caso de conceptualização do MAR como um *Outro Espaço* é a experiência designada «cultural» ou «secundária» – para distingui-la da direta, física – por conter elementos de subjetividade, de «impressionismo» e por ser, em boa parte, mediada por diversas «teorias populares» (incluindo crenças, costumes do povo, vários estereótipos...). Além disso, por entre dois níveis de experiência – o físico-percetivo e o metafórico – intromete-se um nível intermédio: as UFs com sentido literal que «encarnam» as crenças populares e a vivência experiencialmente fundada no mar dos falantes portugueses e croatas, que funcionam como símbolos culturais. O que, por sua vez,

==

¹⁴ Numa perspetiva em que destacamos a conceptualização do MAR enquanto um *Outro Espaço*, é lógico que nos concentremos no ponto de vista de alguém que fica na terra.

chama a atenção em particular é o «efeito rebote», pelo qual a língua – neste caso, em forma de UFs – vem moldar a visão do mundo, ou seja, influenciar a nossa percepção e a nossa conceptualização de alguns elementos do mundo que nos rodeia (e não só o inverso)¹⁵. Para ilustrar tais (hipó)teses, apresentamos alguns adágios portugueses e croatas que, saliente-se, não fazem parte do *corpus* para este estudo, dado que o componente *mar* vem com sentido literal:

- Se queres aprender a orar / rezar, entra no mar.
- Quem quiser medrar, viva no pé de serra ou no porto de mar.
- Missa e maré se espera a pé.
- Mais vale andar no mar alto do que nas bocas do mundo.
- A mulher, o fogo e os mares são três males.
- Para teres vista bela, olha o mar e mora em terra.

- *Fali more drž se kraja* [Gaba o mar, agarra-te à terra].
- *Bolje je na more gledat, nego na moru predat* [Melhor olhar o mar, do que a ele se entregar].
- *Žena i more, ne znaš što je gore* [A mulher e o mar, não se sabe o que é pior].

==

¹⁵ «On the other hand, when linguistic symbols interpret cultural patterns and categories, then these symbols serve as bodies for those cultural patterns. In that case, language units acquire the status of quasi-standards, quasi-stereotypes, and so on» (Teliya *et al.*, 1998: 57).

- *Ni u moru mire ni u mužu vire* [Nem com o mar contar, nem no marido se fiar].

- *Tko ne umije Boga moliti, neka pođe na more* [Quem não sabe rezar, meta-se no mar].

- *More – nevirno poje* [O mar – um campo infiel].

Por último, saliente-se que a coerência das duas estruturas metafóricas acima referidas – já que a motivação do significado da maioria das UFs pode atribuir-se à interação de ambas – provém de alguns mecanismos conceptuais universais e convencionais que partilham. Trata-se, antes de mais, de vários tipos de *metáforas perceptivas*, principalmente daquela que a teoria cognitiva reconhece como a *metáfora de CAMPO VISUAL*; muitos aspetos da semântica das línguas naturais podem relacionar-se com a analogia universal entre a perceção e a conceptualização.¹⁶ Para fins deste estudo, interessam-nos apenas algumas implicações desse princípio metafórico, principalmente as relativas ao «controlo» perceptivo que a vista possibilita e que se reflete no controlo mental (cognitivo); os mapeamentos mais relevantes são os seguintes:

CONTROLAR é VER¹⁷

¹⁶ É notória a saliência conceptual da metáfora SABER/COMPREENDER é VER (Lakoff e Turner, 1989; Sweetser, 1990; Lakoff, 1993; Kövecses 2002, 2005), que, de algum modo, sintetiza todas as metáforas visuais.

¹⁷ Tal como a metáfora *KNOWING/UNDERSTANDING is SEEING*, esta também foi postulada por Eve Sweetser (1990), que a formulou como *CONTROL is MONITORING*.

CONHECIDO é VISÍVEL // DESCONHECIDO é INVISÍVEL

REALIDADE é CAMPO VISUAL

RACIONAL é VISÍVEL // IRRACIONAL é INVISÍVEL

Além da metáfora de CAMPO VISUAL, um outro princípio metafórico partilhado por ambas as estruturas referidas também se fundamenta na experiência corporal e pode associar-se a metáforas perceptivas:

REAL / CONCRETO é PALPÁVEL / «TOCÁVEL» //

IRREAL / ABSTRATO é IMPALPÁVEL / «INTOCÁVEL»

3.1. AVENTURA / RISCO / INCERTEZA / PERIGO é MAR

Em seguida, passamos a apresentar as implicações de todos os fatores e mecanismos acima indicados ao nível específico, valendo-nos da análise dos exemplos mais representativos de UFs do *corpus*.

3.1.1. ARRISCAR-SE / METER-SE À VENTURA / AVENTURAR-SE é ENTRAR NO MAR / LANÇAR-SE AO MAR / FAZER-SE AO LARGO

- Meter-se pelos mares dentro¹⁸

-Arrojar-se/lançar-se/botar-se ao mar/aos mares¹⁹

- Lançar nau ao mar²⁰

¹⁸ «meter-se à aventura; andar na boa vida» (Neves, 1991). As fontes das UFs que referimos nas notas de rodapé não são as únicas em que as respetivas UFs foram registadas; limitamo-nos àquelas que incluem definição/significado da expressão.

¹⁹ «aventurar-se com risco em negócios incertos; arriscar-se em coisas difíceis; expor-se a perigos» (Barata, 1989).

²⁰ «realizar empresa difícil, arriscada, audaciosa» (Neves, 1991).

Os significados de todas as três expressões idiomáticas referem-se a empresas arriscadas. Na primeira, a ideia de aventura parece ter uma conotação relativamente positiva, graças ao significado do verbo *meter-se*, que implica um certo controlo dos acontecimentos (no domínio fonte – o controlo do movimento em relação à força da água). Na segunda expressão, por sua vez, os conceitos expressos pelos verbos sugerem que o sujeito perde o controlo do seu próprio movimento a favor da «dominação» da força de água. A última expressão faz referência mais explícita a uma empresa de negócios ou financeira, o que se deve ao contributo do conceito fonte de EMBARCAÇÃO²¹.

- Quem não for ao mar, não se há-de afogar.
- Quem se sujeita ao mar, sujeita-se à tormenta.
- Sem Deus, nem até à porta e com Deus, através dos mares.
- Quem vai ao mar, previne-se em terra. // Quem vai para o mar, aparelha-se em terra. // Quem não tem preparos, não vai ao mar alto.

Na motivação do significado destas parémi-
as está já manifesto o papel do princípio
de POSTO CANÓNICO – pragmaticamente,
funcionam como avisos: é mais seguro e mais
sensato ficar em terra, no ambiente natural. Se
nos fizermos ao mar (o que no domínio destino

se refere a atividades arriscadas), perdemos o pé e o resultado é incerto.

- Quem não olha adiante, do mar que vir não se espante.

A motivação desta parémia, que também adverte à cautela e às precauções em qualquer atividade incerta, implica a metáfora de CAMPO VISUAL: daquilo que vemos – e, ao nível conceptual, iguala-se àquilo que conhecemos – não é preciso ter medo.

- Quem anda no mar, não faz do vento o que quer.
- O mar em um momento se muda.
- O mar também ronca e eu mijo nele.

No caso da última parémia, além da motivação conceptual, a interpretação requer outro mecanismo estilístico-retórico: a ironia. A conceptualização do MAR como PERIGO é relativizada e minorizada. Mais exatamente, o conceito de MAR figura nela como protótipo de tudo o que é perigoso, mas sugere-se uma atitude baseada na confiança numa superioridade do homem sobre as circunstâncias externas.

Seguem-se uns exemplos de UFs croatas cuja motivação semântico-conceptual assenta nos princípios da mesma estrutura metafórica:

- *Ko u more ne ulazi, u moru se ne uduši* [Quem não entra no mar, não se há-de afogar].
- *Ko upada u more, treba da se skvasi* [Quem se sujeita ao mar, tem que se molhar].

==

²¹ No contexto da Metáfora de viagem marítima, identificámos, entre outros, o mapeamento específico TUDO O QUE O SUJEITO POSSUI (BENS, PROPRIEDADE, MEIOS) é EMBARCAÇÃO (Lanović, 2012; Lanović e Varga, 2015).

- *Prvo gledaj gdje ćeš isplivati, pa onda zaplivaj* [Olha onde é que vais sair da água, antes de começares a nadar].

- *Budali more do koljena* [Ao tolo, o mar chega até ao joelho].

- *Kad more uzavri, i dobar se mornar utopi* [Quando o mar ferve, o bom marinheiro também se afoga].

- *upasti u more do grla, a ne skvasit se* [cair no mar até ao pescoço e não se molhar].

3.1.2. ARRUINAR-SE é CAIR / ENTRAR NO MAR ENCONTRAR-SE NUMA SITUAÇÃO DESESPERADA / SEM SAÍDA é ENCONTRAR-SE NO MAR ARRUINAR / ESTRAGAR (alguém, alguma coisa) é DEITAR AO MAR

- É homem ao mar.²²

A motivação complexa desta expressão idiomática remete à interação com o Domínio conceptual de FORÇAS NATURAIS, mas implica também a referência a um outro código simbólico – a terminologia náutica. A exclamação *Homem ao mar!*, que funciona nessa linguagem especializada como alarme na situação de queda de um homem a bordo ao mar, também é relevante para a interpretação do significado, porque tal situação implica perigo de morte.

==

²² «diz-se de quem está perdido, física ou moralmente; é homem sem esperança de salvação» (Neves, 1991).

- Que rico menino para deitar ao mar!²³

- deitar (um sentimento) ao mar²⁴

- deitar um segredo ao mar

Seguem-se dois exemplos de UFs croatas com motivação análoga:

- *baciti pola u more* [deitar uma metade ao mar]

- *Tko se u moru topi i za zmiju se hvata* [Quem no mar se afoga, até à serpente se agarra]

3.2. O princípio de POSTO CANÓNICO

Na apresentação do Modelo espacial de MAR, já nos referimos à importância que é dada, em muitas culturas, à posição prototípica *eu-aqui- agora*, o «ponto de referência» principal quer para a perceção quer para a cognição. Dado que nos ocupamos da dimensão espacial, concentrar-nos-emos na «posição canónica» *aqui*. A análise semântico-conceptual das UFs do nosso *corpus* confirma que a conceptualização de muitos domínios (mais) abstratos é frequentemente fundada na perceção de alguma «posição» (ou estado) como «normal», natural e própria do homem, ao contrário de outras concebidas como inaturais. Simplificando, podemos dizer que a posição canónica é conceptualizada como «positiva» e todas as outras como «negativas».

==

²³ «referência a um indivíduo sem préstimo para qualquer coisa» (Neves, 1991).

²⁴ «esquecê-lo» (Plecinski, 1998).

Tal conceptualização assenta principalmente, sem dúvida, na experiência direta físico-percetiva, mas essa experiência serve, ao mesmo tempo, de base a mecanismos conceptuais universais. É indispensável chamar a atenção para o princípio genérico PSÍQUICO é FÍSICO, que está na base da motivação de todas as expressões deste sub-grupo, possibilitando que uma posição física se «mapeie», no domínio destino, num estado psíquico ou então a uma atitude mental (ponto de vista).

Nos significados idiomáticos das UFs analisadas, o posto canónico é conceptualizado em duas dimensões. Por um lado, refere-se à postura «natural» (prototípica) do corpo, que ao mesmo tempo possibilita a moção, subentendendo (no caso do ser humano) o solo firme. Nesta dimensão, o aspeto mais saliente é a *estabilidade*. Da experiência corporal provém a metáfora conceptual específica, fundamental para a motivação do significado das UFs que referiremos de seguida: ESTAR «ESTÁVEL» é ESTAR NA TERRA / SOLO FIRME e, portanto, ESTAR «INSTÁVEL» é ESTAR NO (DENTRO DO) MAR. As aspas assinalam que não se trata de instabilidade física; por meio da metáfora PSÍQUICO é FÍSICO, a experiência corporal de instabilidade mapeia-se no domínio do psíquico/mental, mas também no que se refere à posição do sujeito na sociedade, no meio em que vive. Isso já sugere a outra dimensão da conceptualização do posto canónico, em que este representa o «ambiente natural», próprio do homem, aquele em que se sente e move com

a maior naturalidade e que, ao nível conceptual, se projeta na situação em que o homem funciona otimamente.

A respeito do que foi referido supra, podemos sublinhar que a «posição canónica» física, ao nível conceptual, se projeta frequentemente no «papel canónico», no sentido de «posição» prototípica de identidade pessoal, de estabilidade psicológica, moral e social.

Antes de passarmos a defender o princípio metafórico de POSTO CANÓNICO pelas UFs do *corpus*, convém ilustrá-lo com dois exemplos representativos, nos quais a componente *mar* tem um sentido literal (não são inteiramente idiomáticos):

- Homem do mar, cabeça no ar.
- Homem do mar mijia na cama e diz à mulher que está a suar.

Estas expressões mostram perfeitamente o efeito inverso pelo qual a conceptualização metafórica pode moldar a visão popular do mundo, que na perceção passa por uma experiência direta «cultural», independente de mecanismos conceptuais. Não deve haver nenhuma razão objetiva para considerar os marinheiros indivíduos sem contacto com a realidade ou então uns mentirosos e aldrabões; tal perceção é motivada por uma das possíveis formas de conceptualização metafórica do mar, a qual acabámos de descrever.

Seguem-se as implicações ao nível específico acompanhadas das UFs do *corpus* em que se atualizam.

3.2.1. PERDER O CONTROLO DA PRÓPRIA VIDA / AÇÃO é ESTAR NO (DENTRO DO) MAR PERDER O CONTROLO DE SI PRÓPRIO é ESTAR NO (DENTRO DO) MAR²⁵

- ao sabor / a favor da maré²⁶
- andar ao sabor / à mercê das ondas²⁷
- Caranguejo que dorme, maré que o leva.

A motivação do significado destas UFs compreende a interação com o Domínio de FORÇAS NATURAIS, aqui representado pelos conceitos fonte de MARÉ e de ONDA; a imagem do sujeito num ambiente «inatural» que se deixa arrastar pela força de água reflete-se no domínio destino como a perda de controlo. A última expressão traz a antropomorfização de um ser marítimo – aqui, caranguejo, noutros casos, mexilhão – numa posição instável; o significado idiomático avisa e exorta à vigília, para que, expostos a diversas influências externas, não percamos o controlo de nós mesmos e da própria vida. O significado

da expressão que se segue aponta igualmente à estabilidade psíquica e mental:

- Barco em busca de porto seguro²⁸
- É homem ao mar.²⁹

3.2.2. «ESTABILIDADE SOCIAL / ECONÓMICA» é NA TERRA FIRME / NO CHÃO PERDER A POSIÇÃO SOCIAL é PARTIR PARA O MAR PREJUDICAR A (PRÓPRIA) CARREIRA / «ESTABILIDADE ECONÓMICA» é PARTIR PARA O MAR

Nas UFs seguintes, o ambiente natural refere-se, ao nível destino, a uma situação socioeconómica apropriada; o posto canónico mapeia-se no «papel canónico» na comunidade:

- Quem foi ao mar, perdeu o lugar.³⁰
- Quem vai ao vento, perde o assento; quem vai ao mar, perde o lugar.
- (fazer-se) na volta do mar³¹

São as expressões prototípicas do princípio de POSTO CANÓNICO. Fica manifesto que o MAR está conceptualizado como uma opo-

==

²⁵ A ideia de «perda de controlo/autocontrolo» remete também para o princípio denominado (*LOCATIONAL*) *SELF metaphor* (Lakoff e Johnson, 1999).

²⁶ «ao acaso, sem plano; segundo o que vai acontecendo» (Neves, 1991), «ao acaso, à sorte, à ventura, ao azar» (Barata, 1989).

²⁷ «andar sem saber o que há de fazer à vida» (Neves, 1991). Outros sinónimos: ao sabor da corrente, (andar) à deriva.

==

²⁸ «alguém que procura encontrar situação estável» (Neves, 1991). Para a motivação do significado deste idioma, é relevante a interação com a Metáfora de viagem marítima (personificação da EMBARCAÇÃO).

²⁹ A complexa motivação deste idioma, já referido, inclui o princípio de POSTO CANÓNICO – representa efetivamente a metaforização do homem que «se perdeu a si próprio».

³⁰ «diz-se de alguém que perdeu uma oportunidade que, anteriormente, estivera à sua disposição» (Neves, 1991); «quem larga uma coisa se arrisca a que outrem dela se aproprie» (Santos *et al.*, 2002).

³¹ «sem se poder seguir carreira» (Silva, 1949).

sição à ESTABILIDADE. Para além disso, dado que o significado literal sugere uma partida consciente e voluntária para o mar, a coerência com a metáfora AVENTURA / RISCO / INCERTEZA / PERIGO é MAR realça o aspeto de imprudência.

3.2.3. O CONCRETO é NA TERRA / NO CHÃO
O ABSTRATO é NO (DENTRO DO) MAR
O REAL / RACIONAL / COERENTE / APROPRIADO é NA TERRA / NO CHÃO
O IRREAL / IRRACIONAL / INCOERENTE / INAPROPRIADO é NO (DENTRO DO) MAR

- na terra e no mar³²

- *na moru i na kopnu / na suhu* [no mar e na terra / em seco]

Apesar de a motivação destas UFs análogas ser relativamente intransparente, incluímo-las neste grupo, porque a «totalidade»/«universalidade» sugerida pelo significado tende a transcender a esfera do físico-percetivo. Por isso, a formação metafórica da expressão parte dos conceitos fonte que representam os protótipos do CONCRETO e do ABSTRATO.

- andar a navegar³³

- embarcar nas naves do sonho³⁴

- *Partili su mu vapor*³⁵ [Partiram-lhe os barcos]

³² «em toda a parte, por toda a parte; geralmente» (Barata, 1989).

³³ «andar desorientado; não saber por onde começar» (Neves, 1991).

³⁴ «fugir ao que nos oprime, esquecer o dia a dia, distanciar-se do condicionalismo concreto» (Schemann e Dias, 1980).

³⁵ Diz-se da pessoa de comportamento estranho ou que sofre de doença mental (Šimunković, 2008.)

- *morsko pravilo / morska ideja*³⁶ [uma regra do mar / uma ideia do mar]

Nas UFs indicadas a «destabilização» e a perda do controlo são, no domínio destino, especificadas como uma certa perda de relação com a realidade.

As UFs seguintes referem-se antes ao aspeto mencionado de «apropriação», apelando ao bom senso; funcionam efetivamente como advertências aos que aspiram a abandonar o posto canónico:

- Quem não sabe nadar, não se atire ao mar.

- Na água dos mares não procures cabelos para te agarrares.

- Os grandes navios podem tentar o mar alto; os pequenos barcos não se devem afastar (muito) da praia.³⁷

- *Tko gura barku u more, jednom nogom mora stajati na zemlji* [Quem lança um barco ao mar, com um pé na terra deve estar].

4. Considerações finais

Neste trabalho, decidimos apresentar um segmento específico de conceptualização do MAR, tal como se manifesta na estrutura semântica de um grupo de unidades fraseológicas – exclusivamente idiomáticas – portuguesas e croatas, por vários motivos.

³⁶ Uma regra/ideia que não faz sentido nenhum (Matešić, 1982).

³⁷ Interação da Metáfora de viagem marítima (O PRÓPRIO SUJEITO é EMBARCAÇÃO).

Por um lado, procurámos demonstrar como um conceito que «pertence» principalmente ao domínio de outras disciplinas/ciências sociais e humanas (Filosofia, Psicologia, Antropologia, Sociologia, etc.) – o de *alteridade* – pode também ser abordado do ponto de vista linguístico, devido às suas manifestações na língua. Além disso, manifesta-se, neste caso, nas expressões convencionais fixas, tradicionalmente consideradas «petrificadas» e até «mortas». Achamos que uma tal abordagem pode servir como um pequeno contributo às teses provindas do seio da semântica cognitiva e da psicolinguística, afirmando que a «vitalidade» de uma expressão linguística idiomática/metafórica não depende da sua frequência ou originalidade, mas da vitalidade dos mecanismos conceptuais que nela se atualizam.³⁸

Nesse sentido, relativamente ao âmbito da fraseologia – sendo esta o objeto principal do nosso estudo –, tem-nos interessado registar as manifestações (expressões) linguísticas incomuns, insólitas e «originais» da conceptualização de ESPAÇO, em que este é percebido indiretamente, mas, ainda assim, permanecendo concebido em termos espaciais – tanto o MAR no domínio fonte, como o domínio genérico de AÇÃO e outros específicos no domínio destino; essa noção parece corroborar as teses segundo as quais o ser humano não é capaz

de conceber de outra forma os conceitos que lhe são «demasiado» abstratos.

Dado que o estudo se refere às fraseologias portuguesa e croata, convém aqui notar que não se trata de uma análise contrastiva; concentramo-nos, em princípio, na interpretação das UFs do *corpus* português, juntando-lhes alguns exemplos de UFs croatas de motivação análoga, para mostrarmos que nos mecanismos conceptuais ao nível específico a que se referem não há diferenças substanciais. Por outro lado, temos de salientar uma desproporção considerável na representação quantitativa das UFs cuja motivação assenta na conceptualização do MAR como um *Outro Espaço* a favor da fraseologia portuguesa.³⁹ Dado que os dois povos estão tradicionalmente – e não só em termos existenciais, mas também histórico-culturais – «virados» para o mar, não admira a proeminência deste elemento do mundo material na experiência tanto físico-percetiva, como cultural e civilizacional dos falantes de ambas as línguas. Contudo, não esqueçamos que se trata de mares diferentes: ao contrário do Adriático, o oceano não é um mar «manso», nem ao nível de pura impressão visual. Essa pode ser a razão por que a maioria das UFs portuguesas

==

³⁸ Sobre este assunto, ver os estudos de Raymond W. Gibbs, Jr. (1993, 1994, entre outros).

==

³⁹ A mesma observação se aplica ao domínio conceptual de MAR em geral, mas, como aqui não se pretende apresentar exaustivamente nem o *corpus* nem os dados estatísticos relativos, deixamo-la aqui como uma «nota de autor».

assenta na conceptualização do mar como uma «zona de perigo».

Por fim, pensamos que este estudo, comprovando um alto nível de estruturação e de coerência interna no segmento de fraseologia que lhe foi objeto, corrobora as teses segundo as quais o significado de uma grande maioria de expressões idiomáticas não é arbitrário, mas motivado – fundamentado em princípios convencionais, mais ou menos universais, de conceptualização (estruturas conceptuais), tal como qualquer outra estrutura semântica da linguagem. A análise semântico-conceptual mostra-se uma metodologia adequada à fraseologia, particularmente no sentido de refutar a ideia de «anomalia» a favor da convencionalidade e da regularidade. Além disso, consideramos que comprovar a motivação, como uma base de relação e de interdependência das UFs do subsistema em questão, serve ao mesmo tempo como uma argumentação a favor do papel crucial do significado das constituintes lexicais na interpretação e, sobretudo, na formação do significado idiomático.

Bibliografia

Altenberg, B. (1998). On the Phraseology of Spoken English: The Evidence of Recurrent Word-Combinations. Em: A.P. Cowie (dir.) *Phraseology: Theory, Analysis and Applications*. Oxford University Press. Oxford;

Barata, A.M. (1989). *Dicionário prático de locuções e expressões peculiares da língua portuguesa: Sinonímia e interpretação*. Livraria A.I. Braga;

Batoréo, H.J. (2000). *Expressão do espaço no português europeu: Contributo psicolinguístico*

para o estudo da linguagem e cognição. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa;

Berruto, G. (1988). *La semantica*. Zanichelli. Bologna;

Cowie, A.P. (ed.) (1998). *Phraseology: Theory, Analysis, and Applications*. Oxford University Press. Oxford;

Gibbs Junior, R.W. (1993). Why idioms are not dead metaphors. Em: C. Cacciari e P. Tabossi (dirs.). *Idioms: Processing, Structure and Interpretation*. Lawrence Erlbaum Associates. Hillsdale, New Jersey;

Gibbs Junior, R.W. (1994). *The Poetics of Mind: Figurative Thought, Language and Understanding*. Cambridge University Press. Cambridge;

Hall, E.T. (1971). *La dimension cachée*. Seuil. Paris;

Howarth, P. (1998). The Phraseology of Learners' Academic Writing. Em: A.P. Cowie (dir.). *Phraseology: Theory, Analysis and Applications*. Oxford University Press. Oxford;

Kövecses, Z. (2002). *Metaphor: A Practical Introduction*. Oxford University Press. New York;

Kövecses, Z. (2005). *Metaphor in Culture: Universality and Variation*. Cambridge University Press. Cambridge;

Lakoff, G. (1987). *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal About the Mind*. University of Chicago Press. Chicago / London;

Lakoff, G. (1993). The contemporary theory of metaphor. Em: A. Ortony (dir.). *Metaphor and Thought*. Cambridge University Press. Cambridge/New York;

Lakoff, G. e Johnson, M. (1980). *Metaphors we Live by*. University of Chicago Press. Chicago;

Lakoff, G. e Turner, M. (1989). *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. University of Chicago Press. Chicago / London;

Lanović, N. (2012). *Koncept mora u portugalskoj frazeologiji*. Tese de Doutoramento em Filologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Zagreb. Zagreb. 235 pp.;

Lanović, N. e Varga, D. (2015). Conceito de mar na fraseologia portuguesa: a Metáfora de

- viagem marítima. *Studia Romanica et Anglica Zagrabiensia*, **LX**: 301-324;
- Matešić, J. (1982). *Frazeološki rječnik hrvatskoga ili srpskog jezika*. Školska knjiga. Zagreb;
- McEnery, T. e Wilson, A. (2001). *Corpus Linguistics: An Introduction*. Edinburgh University Press. Edinburgh;
- Moon, R. (1998a). *Fixed Expressions and Idioms in English: A Corpus-based Approach*. Clarendon Press. Oxford;
- Moon, R. (1998b). Frequencies and Forms of Phrasal Lexemes in English. Em: A.P. Cowie (dir.). *Phraseology: Theory, Analysis and Applications*. Oxford University Press. Oxford;
- Neves, O. (1991). *Dicionário popular de frases feitas*. Lello & Irmão. Porto;
- Plecinski, J. (1998). *Dicionário idiomático português-polaco*. Wydawnictwo Naukowe Uniwersytetu. Poznan;
- Santos, M.R. dos, Many, E. e Neves, R.C. (2002). *Dicionário de provérbios: Adágios, ditados, máximas, aforismos e frases feitas*. Porto Editora. Porto;
- Schemann, H. e Dias, L.S. (1980). *Dicionário idiomático português-alemão*. Livraria Cruz. Braga;
- Silva, A.M. (1949). *Grande dicionário da língua portuguesa*. Imp. Libânio da Silva. Lisboa. Vol. XII;
- Sweetser, E. (1990). *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge University Press. Cambridge;
- Šimunković, L. (2008). *More poslovice o moru: Paremiologija i frazeologija dalmatinskog podrijetla koje se odnose na pomorstvo i ribarstvo*. Hrvatsko-talijanska kulturna udruga Dante Alighieri / Filozofski Fakultet Sveučilišta u Splitu. Split;
- Taylor, J.R. (1989). *Linguistic Categorization*. Oxford University Press. Oxford;
- Teliya, V., Bragina, N., Oparina, E. e Sandomirskaya, I. (1998). Phraseology as a language of culture: Its role in the representation of a collective mentality. Em: A.P. Cowie (dir.). *Phraseology: Theory, Analysis and Applications*. Oxford University Press. Oxford.